



SAGATRISSUINORANA: O REAL ATRAVESSA A FICÇÃO

SAGATRISSUINORANA: THE REAL PASSES THROUGH FICTION

GUIMARÃES, JOÃO LUIZ. *SAGATRISSUINORANA: RECONTO – À MODA ROSEANA*. ILUSTRAÇÕES DE NELSON CRUZ. SÃO PAULO: ÔZÉ, 2021.

Tiago Mendes de Oliveira*
Daiane Silva de Andrade**
**Daniela Rodrigues de Sousa
Fernandes*****

- * tiagomendesdeoliveira@yahoo.com.br
Doutorando em Estudos de Linguagens no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Belo Horizonte – MG).
- ** daiane.andrade@ifnmg.edu.br
Mestra em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Montes Claros – MG).
- *** danielarodriguesf194@gmail.com
Mestranda em Letras (ProfLetras) pela Universidade Estadual de Montes Claros (Montes Claros – MG).

*“O recado da terra chega quase sempre sem aviso. E o que era estória
viva, urdida no sem-tempo da fábula, vira história morta, soterrada pela
notícia.*

Às vezes, o homem pode ser o lobo do lobo.”

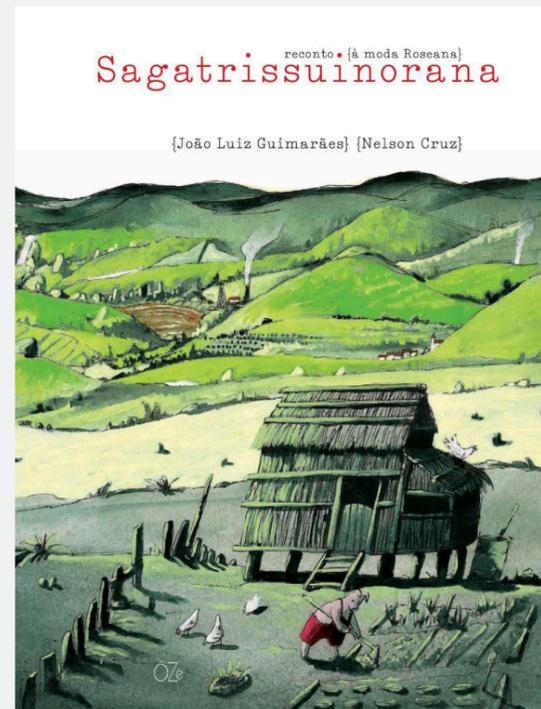


FIGURA 1
Fonte: Divulgação Editora ÔZé.

Muito se fala sobre o poder da literatura, como de outras manifestações artísticas, de promover uma possível fuga das hostilidades cotidianas. Esse preceito muitas vezes esteve presente na literatura infantil. Para Cademartori (2010, p. 16), “[e]m algumas obras, subverte-se o uso sistemático da língua, e o literário irrompe nesse espaço de escape das formas organizadas do mundo adulto. O sonho, a fantasia, o *nonsense* se instauram como subversão do mundo racional”. Nesse viés da literatura infantil como contraponto a uma visão objetiva de mundo – mesmo com a presença de livros, na contemporaneidade,

que lidam com temas polêmicos ou emoções complexas –, muitas vezes as obras para esse público abordam temas distantes dos noticiários, como se fosse possível proteger as crianças de fatos tão trágicos e amplamente divulgados.

Entretanto, não há como silenciar uma alteração tão drástica de uma paisagem. Nos últimos anos, o Brasil e o mundo assistiram, atônitos, Minas Gerais misturar corpos aos minérios de suas montanhas, primeiro em Mariana (2015) e depois em Brumadinho (2019). O país mostrou a consequência de não se olhar para a própria história. Na obra *Arrastados: Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho*, o maior desastre humanitário do Brasil (2022), a jornalista mineira Daniela Arbex, ao recordar a frase repetida pelo presidente da Vale, na época da tragédia na barragem de Bento Rodrigues: “Mariana nunca mais”, lança o questionamento se outras catástrofes do tipo ocorrerão.

A infância poderá se desenrolar incólume a tais fatos? Se a ação humana, pautada no produto e no lucro, pintou com lama vermelha, como demonstrado por Daniela Arbex, os corpos de pessoas enterradas vivas, esse tema passa a se inserir nas narrativas atuais e futuras, misturando as histórias já contadas, a tradição literária mineira e paisagens originais ou violentamente alteradas.

Nessa perspectiva, o livro ilustrado *Sagatrissuitorana*, com discurso verbal de João Luiz Guimarães e visual de Nelson Cruz, publicado em 2020, pela Editora ÔZé, trata-se de um (re)conto infantil inspirado na história dos Três Porquinhos, registrada e popularizada por Joseph Jacobs (JACOBS, 2021; TATAR, 2013), e na obra de Guimarães Rosa. O texto (imagético e verbal) tematiza a destruição causada pelo estouro das barragens de rejeitos da mineração e é dedicado às vítimas desses eventos. Ademais, ganhou diversos prêmios, entre eles Melhor Livro para Criança, da FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e o Jabuti, da CBL - Câmara Brasileira do Livro, em duas categorias: Livro Infantil e Livro do Ano.

Tanto o escritor, o carioca João Luiz Guimarães, quanto o ilustrador, o mineiro Nelson Cruz, possuem trabalhos multifacetados. O primeiro teve passagem pela medicina e pelo jornalismo antes de viver propriamente de sua escrita; apesar de sua carreira ser mais recente, já possui prêmios e reconhecimento. O segundo é artista plástico autodidata, escritor, chargista e ilustrador; possui longa e profícua carreira, com diversas láureas e muitas obras publicadas. De certa forma, toda essa pluralidade de percursos se mostra nas muitas camadas que permeiam o livro *Sagatrissuitorana*.

A capa traz informações muito importantes: acima do título, já lemos uma descrição do gênero (reconto) e uma informação entre chaves (à moda Roseana). Dessa forma, já se tem indícios para a leitura/interpretação/mediação: sabe-se que o livro tentará emular o estilo do autor Guimarães Rosa como forma de homenagem. Inclusive o adjetivo “Roseana” aparece com inicial maiúscula. Essa reverência também pode ter sido enfatizada, nas imagens, pelo fato de o ilustrador vivenciar a paisagem e a cultura de Minas Gerais.

Em seguida, o título *Sagatrissuitorana* causa estranhamento e, ao mesmo tempo, familiaridade. Apesar da difícil pronúncia, traz a ideia de saga, de três porcos (trissuino) e o sufixo “-rana” lembra o livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa, como também “Roseana” ou “Mariana”. Dessa forma, o título já nos remete ao espaço criativo e complexo no qual a história vai se desenrolar, pois é construído num exercício linguístico muito próximo aos muitos realizados por Rosa. A palavra “sagarana”, por exemplo, traz, segundo o dicionário etimológico de Antônio Geraldo da Cunha (1982), o substantivo “saga” que designa as narrativas em prosa, históricas ou lendárias, oriundas sobretudo da Islândia; e “-rana” sufixo nominal, tupi, que significa “parecido, semelhante”. O próprio Guimarães Rosa, ao ser

indagado pelo jornalista e escritor Ascendino Leite, em entrevista sobre o significado do título Sagarana, respondeu: “Saga-rana: coisa que parece saga... Filei um sufixo do nheengatu...” (LIMA, 1997, p. 66).

Abaixo do título, são apresentados os nomes do autor e do ilustrador entre chaves, sem distinção das funções, mostrando o imbricamento entre o texto verbal e a imagem na obra, já que nos últimos anos tornou-se cada vez mais perceptível nos livros infantis “a interação entre as linguagens visual e verbal: imagens e palavras dividem o espaço no livro e disputam a atenção do leitor” (CADEMARTORI, 2010, p. 17).

Essa característica remete à linguagem multimodal, muito presente em obras infantis, cuja marca da “hibridização” caracteriza o livro ilustrado, principalmente, a partir do século XX, que, segundo Pinheiro (2018), mantém um diálogo “intermídia” com outras linguagens, “artes visuais” e processos de edição, constituindo-se na relação indissociável entre palavra e imagem que se consubstancia no livro como “um objeto com muitas camadas de linguagem” (CORRÊA; PINHEIRO; SOUZA, 2019, p. 74).

A ilustração escolhida para a capa é uma das que estão presentes na obra e traz elementos simbólicos dentro da

narrativa: a casa de palha, um dos porquinhos e as montanhas mineiras. Mas uma das montanhas aparece explorada possivelmente pela mineração, na qual se pode vislumbrar uma chaminé e uma estrutura semelhante a uma indústria. A capa e a quarta capa são atraentes e funcionais com uma imagem bucólica, que entrará em contraste com o vermelho da lama que tomará aos poucos o livro, até encher totalmente a última página.

A fonte imita a máquina datilográfica. Isso pode ser relacionado tanto à escrita de Guimarães Rosa, quanto à ligação da obra com o jornalismo, uma vez que traz para o universo da literatura infantil um fato amplamente noticiado. A letra nos lembra a todo momento o caráter de pesquisa que perpassa a obra, em relação à linguagem roseana, como também às imagens referentes às tragédias mencionadas.

A paisagem retratada em diversos tons de verde contrasta de forma criativa com o vermelho, também em vários tons, da lama de rejeito. A cor avermelhada lembra a cor real, do minério de ferro, e o sentido cultural do vermelho, entre muitos significados ambivalentes, como algo que gera ansiedade, sendo ligado ao perigo, à morte e à dor. Além disso, há uma preocupação em se mostrar as paisagens mineiras, recortadas por montanhas, e a

presença da vegetação descrita nas obras de Guimarães Rosa, também mencionadas no texto, mas há ainda a presença de inúmeras chaminés, casas e montanhas, claramente modificadas pela mineração.

O livro foi publicado em papel de qualidade, couchê 150 g/m², com acabamento fosco, que salienta a verdade que salta das ilustrações, ademais, com lombada quadrada e costurada, garantindo a qualidade para o manuseio das crianças leitoras. A impressão é de boa qualidade, especialmente na paleta de cores que, como mencionado, tem significado na obra. A sensação é que cada detalhe foi escolhido com muito cuidado.

As imagens “sangram”, isto é, não deixam margem, criando sensação de que a paisagem continua, o que é recomendado para livros ilustrados e álbuns. Entretanto, o texto é colocado em um céu branco, que pode ser entendido como uma margem superior, na maioria das páginas. O projeto gráfico e a diagramação são adequados e producentes de sentidos, inclusive alternando páginas duplas e simples de forma significativa.

São criados vários planos para contar a história: inicialmente, o texto traz o reconto da história clássica de maneira próxima à versão de Jacobs, a ilustração traz à

frente o desenrolar dessa mesma história enquanto, num último plano, imagens baseadas em fatos fazem alusão aos desastres de Mariana e Brumadinho. Além da palavra Lama, registrada com letra inicial maiúscula e personificada “mastigando, banguela, com suas gengivas de terra”, a junção dos termos “delobodeporcodecasadetudo”, como corpo misturado e carregado pela lama, é enfatizada na escrita e na ilustração.

O texto verbal é rico em recursos expressivos, tais como metáforas, inversões, referências intertextuais e diversos outros recursos estilísticos. A inventividade da obra se manifesta, inclusive, nas informações sobre os autores (escritor e ilustrador), escritas de forma criativa e que estimulam a leitura, também se valendo de jogos estilísticos.

Devido ao caráter imagético e plurissignificativo da linguagem apresentada, muitas outras interpretações podem surgir: a inocência dos porquinhos que não vislumbravam a presença do lobo, por exemplo, pode trazer reflexões sobre nossa passividade em relação às questões ambientais. A Lama, ao devorar tudo: lobo, porco, casa, pode personificar o caráter impositivo das tragédias que vitimizam e unem até mesmo inimigos.

Há diversas referências ao mundo social e cultural: contos de fadas, obra de Guimarães Rosa, as barragens de mineração que destroem (presente do indicativo intencional) cidades e ecossistemas, a ideia do homem ser lobo do próprio homem – que remete a Thomas Hobbes (2003), apesar de ser mais antiga –, questões ambientais, descrições das paisagens do estado de Minas. Além disso, temas perturbadores como destruição e morte também circundam as crianças e não podem ser excluídos da literatura infantil.

O texto verbal é curto, mas polissêmico. As referências à linguagem roseana aparecem já no início, com o vocábulo “Nonada”, tal qual no *Grande Sertão: Veredas* (2019). Da mesma forma do aclamado romance, tem-se a impressão de que o narrado se trata de coisa pequena, um “quase nada”, mas aos poucos, imagens e letras contam uma história densa, que ultrapassa o relato inicial. Ou “nonada” seria a forma como vidas, mediante o desastre, são tratadas como um nada, algo insignificante?

Outras tantas referências à linguagem do autor Guimarães Rosa aparecem, como a recorrência do vocábulo “quase”, que remete ao *caminho do meio* muito comum nas obras do escritor mineiro. Também aparece o termo “Dito”, uma referência, dentro da história, ao lobo, mas

também uma das muitas designações roseanas para o “mal” ou o “demônio”. “Sussuarão”, “porcando”, “travessia” e “redemunho” endossam uma lista de palavras que levam à escrita roseana.

Os textos imagético e verbal dialogam. Entretanto, é possível compreender o sentido macro somente pelas imagens. Há um diálogo entre ambos os modos semióticos. Inclusive, o discurso visual traz dados suplementares ao escrito. Por exemplo, a lama de rejeito que vai escorrendo paulatinamente a cada página e em imagens em que vemos o lobo – e a lama –, mas o verbal nos informa que o porquinho está correndo e ele não aparece: um recurso expressivo bastante criativo. Especificamente nas páginas 10 e 11, visto que “[a] imagem apresenta-nos vários elementos de significado simultaneamente, posto que seu caminho de visualização prioriza o espaço” (COPE; KALAZANTIS; PINHEIRO, 2020, p. 189).

O gênero adotado é desenvolvido de forma consistente e adequada, tanto na parte escrita, quanto nas imagens, o relato do conto clássico *Os Três Porquinhos* se desenrola de maneira clara, ao passo que, paulatinamente, aparece uma outra personagem, a Lama, construindo uma nova camada na história conhecida na tradição oral e na versão de Jacobs (JACOBS, 2021; TATAR, 2013). O tema abordado

– a destruição provocada pelo estouro das barragens de rejeitos de mineração –, apesar de sensível, é adequado ao público infantojuvenil, pois se trata de um tema real, presente nos noticiários, mas é tratado de forma lúdica e poética pelos textos visual e escrito.

A linguagem, por sua vez, é bastante inventiva, conquista as pessoas pelo tratamento lúdico e poético, pelos textos visual e escrito. Entretanto, demanda mediação. É preciso contextualizar a criança em relação à linguagem roseana e suas particularidades (neologismos, sintaxe inusitada, metáforas) e também com relação aos acidentes com barragens de mineração. Além do letramento literário, a obra propicia o letramento crítico, contribuindo para a ampliação do repertório cultural e para a compreensão de mundo.

Uma das muitas contribuições do livro é olhar para a história por trás da tragédia. A tese retomada pela narrativa do “homem como lobo do próprio homem” que, por causa da ganância, destrói sonhos de casas de fibra de buriti, taquara verde ou tijolos, traz reflexões que podem ecoar nesses pequenos sujeitos em formação. Se a morte faz parte da vida e o real perpassa a ficção com sua encheite de dor, que pelo menos a força poética de se contar

histórias e a esperança de construção de um mundo melhor permaneçam.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Arrastados**: Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CORRÊA, Hércules Tolêdo; PINHEIRO, Marta Passos; SOUZA, Renata Junqueira de. A materialidade da literatura infantil contemporânea: projeto gráfico e paratextos. **In**: PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade. (Orgs). **Literatura infantil e juvenil**: campo, materialidade e produção. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Conta Fios, 2019, p. 71-86. (Pensar Edição; v. 2)

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GUIMARÃES, João Luiz. **Sagatrissuinorana**: reconto – à moda Roseana. Ilustrações de Nelson Cruz. São Paulo: ÔZé, 2021.

HOBBS, Thomas. **Leviatã** – ou Matéria, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil. Organização de Richard Tuck; tradução de João Paulo Monteiro et al. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JACOBS, Joseph. **Contos de fadas ingleses**. Tradução de Dorothea De Lorenzi Grinberg Garcia. Jandira, SP: Principis, 2021.

KALAZANTIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Tradução de Petrilson Pinheiro. Campinas, SP: Unicamp, 2020.

LIMA, Sônia Maria van Dijck (org.). **Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.

PINHEIRO, Marta Passos. O diálogo entre texto escrito, ilustração e projeto gráfico em livros de literatura infantil premiados. **In:** OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; MOREIRA, Wagner (Orgs). **Edição e crítica**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018, p. 127-167.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Prefácio de Paulo Rónai. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos)

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Estabelecimento de texto, pesquisa iconográfica e cronologia de Érico Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TATAR, Maria (org). **Contos de fadas**: Edição comentada e ilustrada. Edição, introdução e notas de Maria Tatar. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Zahar, 2013.

Recebido em: 12-05-2022

Aceito em: 05-10-2022